

“É preciso rir”  
Entrevista com Silvia Leblon

Mayara Sampaio\*  
Sarah Monteath\*\*  
Mateus Araújo\*\*\*

\* Mayara Sampaio é atriz, palhaça e pesquisadora de cultura popular e teatro-ciarlatani. Estudou o método Clown Through Mask com Sue Morrison, no Canadá. Também participa como palhaça de Folia de Reis na Cia. de sua família.

\*\* Sarah Monteath é graduada em Filosofia pela UFPE e Mestre em Artes Cênicas pelo IA/UNESP, atuou na produção do Encontro Internacional de Mulheres Palhaças de São Paulo. Atualmente, ministra cursos sobre o tema.

\*\*\*Mateus Araújo formou-se em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco e cursa o mestrado em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (IA/ Unesp).

Este texto compila trechos de entrevistas concedidas por Silvia Leblon às pesquisadoras Sarah Monteath, em 2011, e Mayara Sampaio, em 2015 e foi editado por Mateus Araújo.

## Silvia Leblon |

é atriz, palhaça, diretora e pesquisadora. Sua carreira profissional se iniciou na década de 1970, através de experiências nas áreas do teatro, cinema e televisão. Em 1990, realizou um treinamento de ator junto a Luiz Otávio Burnier e Carlos Simioni, atores pesquisadores do Lume (Núcleo de Pesquisas Teatrais da Unicamp – SP), e desde então mudou o rumo de sua carreira em busca de um aprofundamento na arte do ator criador e de sua autonomia. Desde 1995 dedica-se ao estudo do palhaço e sua linguagem. Entre seus mestres, além do Lume, podemos destacar Philippe Gaulier e Sue Morrison. Em 1999 fundou o grupo Na Companhia Dos Anjos e desde então desenvolve um trabalho de pesquisa e criação na linguagem do palhaço, destacando-se o espetáculo “Spirulina em SPATHÓDEA”, dirigido por Ricardo Puccetti e contemplado com o Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz. Atrelado a sua criação artística, desenvolve um trabalho de formação de palhaços, coordenando grupos de treinamento e oficinas. O seu *workshop* “Corpo, estado e criação no jogo do palhaço” já foi ministrado em diversas regiões do Brasil e também na Europa.

**Mayara Sampaio:** Então como foi a sua trajetória. Como você chegou a ser palhaça?

**Silvia Leblon:** Eu nasci de pais pioneiros de rádio e TV: Paulo Leblon e Cidinha Leblon. Meu pai não queria que eu fosse artista. Naquela época ainda tinha essa coisa. A minha mãe era rádio-atriz, ela veio do interior para ser artista de rádio.

**Mayara Sampaio:** Sozinha?

**Silvia Leblon:** Sim! Meu pai, com 18 anos, em São José dos Campos, pôs um alto falante na praça e fez o primeiro rádio da cidade. Foi um pioneiro. Virou redator. Ele fazia tudo no rádio e era humorista... Até hoje tem tipos no humorismo aí que foi meu pai que criou. Eu nasci em 1949 e a televisão é de 1950. A minha mãe morreu um ano antes da TV. [...] Meu pai foi pra televisão. Ela morreu com 25 anos. Nova e já trabalhava como rádio-atriz, e tudo aprendeu fazendo, ninguém ensinou. A minha madrasta, que está com 86 anos hoje, conta que quando chegaram os equipamentos para a televisão não veio nenhum manual. Eles foram descobrindo como fazer. Tinha um programa chamado Câmera Um, seguravam aqueles cabos pesados, tinha até o “cabo-man” para segurar o cabo, quando caminhavam com a câmera, para dar os “chicotes” para mudar de direção. Eram verdadeiros atletas. Não existia edição. Era tudo ao vivo.

**Mayara Sampaio:** E você, criança, estava nesse meio.

**Silvia Leblon:** Eu ouvia sempre os relatos, essas histórias.

**Mayara Sampaio:** E você com esta trajetória...

**Silvia Leblon:** Meu pai tinha medo. Mas a minha mãe que me criou, minha madrasta [Alcina de Toledo], que era novelista de rádio também, ela falou: - “Até 18 anos eu não vou deixar, porque seu pai me pediu, mas depois de 18...” E não teve jeito! Já na escola comecei a fazer teatro. Eu tinha talento, mas talento não quer dizer nada porque você pode não fazer nada com o talento que você tem. Eu acredito em

trabalho, isso eu ouvi do Luiz Otávio Burnier, criador do Lume. Quem quer, pode não ter talento e conseguir pelo trabalho. Palhaço para mim foi resultado de trabalho, porque eu não tinha o mínimo talento para palhaço. Eu era uma atriz dramática, sensível, sempre fui sofredora, chorona, só sofria na vida. E o palhaço me salvou, foi uma revolução. Hoje eu sou feliz. Hoje eu posso dizer: sou feliz! Devo isso ao palhaço.

**Mayara Sampaio:** E você encontrou bem depois essa linguagem?

**Silvia Leblon:** Sim, bem depois. Porque eu comecei a fazer teatro muito cedo. Comecei na escola. A primeira lembrança que eu tenho foi aos nove anos, fazendo a bruxa do “João e Maria”. Eu lembro que eu não dormi à noite; eu fiz meu nariz de papelão. Eu peguei o xale da minha mãe, que estava de luto, que meu pai tinha morrido. Fizemos o forno, eu caía dentro do forno. Nossa... Eu ficava alucinada.

**Sarah Monteath:** Então, Silvia, gostaria de saber como foi o processo de descoberta e criação da Spirulina.

**Silvia Leblon:** Eu iniciei o meu retiro que tinha para o estudo do clown no Lume Teatro que é um grupo interdisciplinar de pesquisas teatrais da Unicamp, criado por Luis Otávio Burnier, que morreu prematuramente. É um núcleo de estudo das técnicas de ator. Eles são conhecidos internacionalmente e desenvolveram várias técnicas, uma das linhas de trabalho deles é o clown. Como eu me afeiçoei muito ao Lume para aprender tudo, escolhi o Lume como minha escola mesmo, depois de já ter uma carreira – que começou em 1990 – e a partir daí não deixei mais de frequentar todos os estudos, treinamentos deles. Sempre que posso continuo treinando com eles, e o clown é uma das linhas de trabalho deles. Entrei para fazer o retiro do clown, em 1995, quando Burnier morreu. Foi o primeiro retiro para estudo do clown que eles [Carlo Simioni e Ricardo Pucetti] fizeram sem o Burnier. [...] Em seguida, eu fiz curso com o Philippe Gaulier aqui no Brasil e fui pra Londres, que ele tinha escola em Londres, em 1998; fiz curso com a Angela de Castro também – que é radicada em Londres, mas é

brasileira – fez várias oficinas aqui [...]; e fiz curso com a Sue Morisson que é uma canadense que a Naomi [Silman, atriz] trouxe para trabalhar com o Lume e nós temos um grupo paralelo e começamos a trabalhar também com a Sue Morisson.

**Mayara Sampaio:** E como foi a experiência com o Gaulier?

**Silvia Leblon:** Então, como eu já tinha feito o retiro, eu entrei iniciada no workshop do Gaulier. O Gaulier de cara olhou para mim e falou: “Você é muito sensível, isso é bom para o seu clown”. Ele falava um inglês afrancesado que eu não entendia nada e eu ficava olhando para a cara dele com uma cara de besta e o pessoal ria, ria, ria, e ele falava as coisas e eu não acreditava, porque ele malhava todo mundo e as pessoas saíam chorando, não entendiam nada. Só que eu já tinha sofrido no retiro, eu já tinha descoberto o que era engolir, o que era aguentar, o que era ficar na merda. Eu já sabia de tudo isso, mas eu não tinha graça, eu não entendia como tirar a graça disso, eu não entendia o jogo. Eu não entendia o prazer da brincadeira, eu não sabia brincar, eu ficava naquele estado catatônico, mas o estado eu já entendia. Quem me deu o estado básico do palhaço foi o Lume. O Gaulier me fez entender a graça. As pessoas riam e eu não entendia o porquê e ele foi me dando retorno. Falava “isso funciona”, “isso não funciona”... “Quando você faz cara de que não entende funciona para você” e “você tem uma energia de criança, muito aberta, isso é bom”. Foi me dando retorno, coisa que eu não sabia, eu não enxergava, porque a gente não se enxerga. A gente precisa do outro, pra se enxergar. E tudo depende da relação: se tem um idiota do seu lado, você se sente inteligente. É básico isso na vida, e no jogo do palhaço. Isso é relação. [...] É jogo de relação e o palhaço que me ensinou isso, e é maravilhoso. É você entender o lugar onde você está. Só que o palhaço aceita estar por baixo, senão não tem jogo, e ele descobre que ele sobrevive ali e que ele pode ser feliz ali e não precisa estar por cima. E o público ama o palhaço que está por baixo, ele ama o tonto, ele não gosta do branco.

Com algumas exceções... Há palhaços brancos maravilhosos. Só que o Leris Colombaioni disse que aqui no Brasil não tem branco!

**Mayara Sampaio:** Ele disse isso?

**Silvia Leblon:** Sim. Ele disse, que o que chamamos de branco, na verdade, não é. É tão palhaço e tonto quanto o Augusto, é o intermediário na verdade, é o que briga com o Augusto, eles brigam entre si. O branco mesmo, diz ele, é aquele que fica fora da briga, está acima do bem e do mal. Mas eu não entendo bem isso, porque não vim do circo. Também não acho que palhaço é personagem. Personagem é uma redução, tem vontade, contra vontade e o porquê dele na peça. O palhaço existe fora da peça, ele existe em qualquer lugar, e é o seu ridículo, isso é o clown pessoal. Porque se você seguir a linha do circo, o trabalho já foi feito por outro, você pega aquela gague e a rotina clássica, aquele número do seu pai, do seu avô, faz igual e aos poucos você vai dominando e vai achando o seu jeito de fazer, é tradição. Mas a essência é a mesma, quando a gente entende as regras, e você observa um palhaço de circo tradicional você vê que os princípios são os mesmos, só o método de iniciação é que é diferente.

**Mayara Sampaio:** Você teve contato com a Sue Morrison, não foi?

**Silvia Leblon:** Então, eu fiz vários mestres e continuo fazendo sempre que posso, mas meus três pilares de trabalho hoje são: Lume, Gaulier e Sue Morrison. Eu já tinha feito Gaulier e já estava feliz, já estavam rindo de mim, mas eu não tinha número, só improvisava, saía, brincava, mas não tinha número e nem ideia. Cinco anos eu fiquei assim.

**Mayara Sampaio:** E o seu contato com a Sue Morrison?

**Silvia Leblon:** O Lume trouxe a Sue Morrison. Aí montamos um grupo paralelo, que estava em torno do Lume, para fazermos aula com ela. Primeiro foi o retiro. O Gaulier foi a alegria, a descoberta do jogo e da alegria, da graça, foi a coisa mais feliz, só feliz, não teve sofrimento;

aí vem a Sue Morrison, a canadense... Jamais eu podia imaginar o que iria acontecer, porque aquela mulher me virou do avesso. O clown xamânico, dos índios, não vem da tradição europeia; é muito mais antiga. Quem criou o método do clown através de máscaras foi Richard Pochinko, um homem que viveu entre os índios norte-americanos e desenvolveu esse método. Foi mestre da Sue Morrison.

**[Em depoimento a Sarah Monteath, ainda sobre o contato com Sue Morisson:]**

Eu fiz três oficinas ao todo, em 1999, 2005, 2006, pra completar todas as máscaras, porque Sue trabalha com o clown xamânico, dos índios norte-americanos. [...] Então eu considero que essas três linhas – Lume, Gaulier e Sue Morisson – foram quem realmente traçaram diretrizes para o trabalho, que eu peguei pra mim, sendo que meu solo nasceu a partir de meu primeiro número.

**Mayara Sampaio:** Mas para os índios existe o clown? Eles têm essa figura?

**Silvia Leblon:** Todas as culturas têm! Procura no Youtube os Hotxuás, o encontro do palhaço do Ric com os Hotxuás. Quem fez esse filme foi a Letícia Sabatella, ela tem ligação com os índios. Ela que foi buscar o Lume para fazer o encontro do palhaço tradicional com os palhaços indígenas. E aí, nessa pesquisa, a gente ficou sabendo que todas as culturas têm o palhaço.

**Mayara Sampaio:** E na cultura desses índios norte-americanos, o clown é o xamã?

**Silvia Leblon:** O xamã, o mensageiro dos deuses, filho do trovão. Porque o cômico, mesmo o bobo na Idade Média, têm a mesma função. Ao lado do cacique, ao lado das autoridades, da coisa séria, sempre vem o clown para lembrar que a gente é humano e imperfeito, é anti-prepotência, é o equilíbrio do mundo, se a gente não acha graça e ri de si mesmo, a gente fica achando que é o dono do pedaço. Todos os males

do mundo têm origem na prepotência e no egoísmo. Tem gente que se acha, os poderosos se acham, se acham no direito de ganhar milhões, roubar milhões, quando tem milhões passando fome. Eles acham que são merecedores da sua grana, que não devem nada a ninguém. Devem à humanidade! Como um xamã me disse: “Quando você ganha alguma coisa, não é para você; quando você perde, é para você”.

**Mayara Sampaio:** Então esse é o trabalho que a Sue Morrison “cava” de você?

**Silvia Leblon:** Ela faz isso a partir de máscaras, que correspondem aos seus lados, que são seis direções. Eles dizem que se você conhece todos os seus lados, você pode espelhar o humano e rir de si mesmo. Isso é clown.

**Mayara Sampaio:** São seis máscaras então?

**Silvia Leblon:** São seis máscaras, mas são 12 lados, porque cada máscara tem inocência e experiência; porque para eles o palhaço é a inocência depois da experiência. Você convence, quando você carrega a experiência por trás da sua inocência, quando você mostra isso.

**Mayara Sampaio:** Você passa por alguns rituais, é isso?

**Silvia Leblon:** É um método, de fazer as máscaras, vestir as máscaras, experimentar as máscaras. Também é um trabalho que desenvolve a visão de dentro, isso é maravilhoso e eu amo isso, eu me encontrei nisso. Ele desenvolve, ele mostra, ele faz você olhar o que você enxerga dentro, a sua visão interior. Porque a gente enxerga muita coisa dentro, mas não presta atenção, não se dá conta de quantas imagens a gente tem dentro. Enquanto eu estou falando com você, o tempo todo está rolando imagens, só que a gente não liga para isso. E o método dela, ajuda você enxergar tudo o que está acontecendo lá dentro de você. Meu solo hoje nasceu desse trabalho, essa fusão de tudo. Eu demorei 5 anos para fazer um número e 08 anos para fazer o solo. Foram 3 workshops para fazer as seis máscaras.

**Mayara Sampaio:** E como foi montar seu número?

**Silvia Leblon:** Quando eu terminei o primeiro encontro com a Sue Morrison, a Naomi se ofereceu para me ajudar a criar um número. Como eu não tinha ideia nenhuma, e já estava há 5 anos fazendo clown, pensei: “O que ela mandar eu faço”. Quando eu apresentei meu primeiro número foi um impacto. Nova surpresa para mim.

**Mayara Sampaio:** Desde pequena, pelo jeito.

**Silvia Leblon:** Incrível! Sempre foi assim. Pensei: “Sorte minha!”. Eu fiquei sócia do Alessandro Azevedo (o palhaço Charles) no Galpão Raso da Catarina, na Vila Madalena, em São Paulo, tinha saraus uma vez por mês e tudo o que eu fazia, as pessoas gostavam... Então eu fui me convencendo que meu palhaço funcionava, que minha palhaça existia, as pessoas me davam esse retorno (“Eu amo a Spirulina”), e tudo o que eu estudava da teoria do palhaço se confirmava; porque palhaço não importa o que ele faz, importa o que ele é, e ele cativa pelo coração, pela empatia. E tinha gente que gostava de mim! Que bom, eu tenho meu público. Então eu continuava dando aula, eu sempre fui muito inspirada para dar aula, eu acho que sou, porque na vida eu não tenho muita certeza de nada... eu vou indo... E como professora eu sinto uma segurança absurda, eu fico poderosa.

### **[Em depoimento a Sarah, sobre a Spirulina]**

Muita gente fala “personagem” porque aparece, acaba aparecendo, diferente de você, mas no processo é totalmente diferente. Eu sei que hoje acabei tendo oportunidade de trabalhar como palhaço, muitas vezes as pessoas pedem pela Spirulina, e não pela Silvia Leblon. Por exemplo, no “Sonho de Ícaro”, que comemorou os 25 anos do Lume, eles convidaram a Spirulina pra fazer a chefe das Musas; [...] e em “Os Narradores de Javé”, que é um longa-metragem da Lili Caffé, foi a mesma coisa. Ela viu meu solo e falou: “Eu quero que você traga a sua palhaça pra fazer”.

[...]

A Spirulina, dentro do espaço teatral estabelecido, faz o que ela quer. Ela é louca, ela é inconveniente, ela é inconsequente, ela é a inocência depois da experiência – quer dizer: você se permitir ser “inocente” depois de ter vivido, de saber do sofrimento, saber das perdas, saber da condição humana, [...] assim você se dá o direito de brincar como uma criança, e trabalhar com impulsos que não são racionais, mesmo que observado pelo ator que está por trás, que tem consciência do que está fazendo, né? Então realmente ela pode fazer o pode, o que não pode, tudo de mentira, certo? Tudo dentro de um espaço de arte de mentira. [...] É isso que foi minha formação.

**Sarah Monteath:** A Spirulina criou vida, separou-se da Silvia e tem a realidade dela?

**Silvia Leblon:** Apesar de que como nasceu de mim, a lógica é minha, na verdade tem profundamente a ver com a gente. [...] Inclusive os objetos que ela trabalha, tudo vem de dentro, não de fora.

**Sarah Monteath:** A Spirulina seria o augusto, o branco ou poderia pegar um pouco de cada?

**Silvia Leblon:** Na dupla, é a relação. Se tem um branco do meu lado, ela é augusta. A essência do clown é o augusto – quando você treina o palhaço, você treina o augusto. Aí tem aquele que manda. Ele é tão palerma quanto o outro; ele pensa que é melhor que o outro, mas não é. Ele leva na barraqueta também, porque a sonsice do augusto também acaba se voltando contra o outro. No jogo de relação, os dois são paspalhos. Mas na relação com o augusto, o branco é cruel, né? [...] O Leris Colombaioni disse que nunca viu um augusto ou branco verdadeiros. Na verdade, quando tem um pobre e um rico, mas os dois são muito paspalhos, tem o branco, porque o branco mesmo ele é aquele lindo, que fica acima, sabe? Ele nunca cai no ridículo. [...] Então a Spirulina, na relação com a Rhena, que é muito cruel, [...] vai lá para

baixo. E isso é muito interessante quando acontece; esse contraste muito grande. [...] Agora, quando é um solo, aparece o lado branco, ou se tiver uma mais idiota do que eu, a Spirulina fica mandona. Então no solo, o que é o branco é o público que ri de você, que te põe no ridículo; são as coisas que você lida que te desafia, entende?

**Mayara Sampaio:** É também um prazer ser Arte-Educadora?

**Silvia Leblon:** É outra coisa que me surpreendeu. As pessoas me pediram pra eu dar aula. Eu sempre precisei que as pessoas me dissessem, e eu penso que pode ser assim também com outros, às vezes precisa que alguém olhe, e diga: “olha como você é”, “olha como você sabe”, “olha como você é tonto, você é tonto!” Como faz o Gaulier: - “você é simpático”, “você é antipático”. E as pessoas ficam surpresas: - “Eeu sou antipático?!” E ninguém morre disso.

[...]

É muito legal isso, vai baixando o ego. Não é mal se não te acham simpático, não importa, o importante é viver, é ficar feliz, é brincar... É viver! O importante é ser! E o clown é do jeito que ele é, tonto, ridículo, bobo, burro, idiota, e assim ele tem direito de viver, porque ele está vivo, simplesmente. Tem direito de ser feliz, tem direito de se divertir. A verdade é que isso é a vida. Você tem direito de viver, você não precisa ser o melhor, é mentira que precisa ser o melhor. Esta cultura do melhor é muito desumana, porque todos têm direito à vida, é isso que cria a injustiça social. Uns acham que merecem mais, e o que não conseguiu nada, fica na rua. Todo o ser humano deveria ter direito ao básico, por ser humano, moradia, alimentação, saúde, isso é direito humano. Mesmo que ele não seja capaz de fazer nada. Ele tem direito simplesmente por estar vivo, de ser cuidado, de ser, existir.

**Mayara Sampaio:** Precisa ser muito bom...

**Silvia Leblon:** Então, estamos no meio do caminho. Quem sabe um dia a gente chega lá... Um amor sem fronteiras.

**Mayara Sampaio:** Que bom te ouvir! Um dia eu ouvi de um índio que o amor é a mais alta vibração que existe no Universo.

**Silvia Leblon:** É Deus, não é? Se a gente sai do amor, a gente sai de Deus, dessa frequência.

**Mayara Sampaio:** Da harmonia, do seu centro.

**Silvia Leblon:** Exatamente, e a justiça humana está muito afastada disso, ainda. Se não te dão chance de saber, se te mantém na ignorância, você vai sofrer. Então o que sabe mais, ganha mais, tem o que quer e quem não sabe fica cada vez pior. Se para a gente que estuda é difícil ancorar, comer, ter saúde... Imagina uma pessoa sem estudo! Como ela vai conseguir? É fácil falar “quem quer, consegue”.

**Mayara Sampaio:** Entender esse discurso, de onde e de quem ele vem. O porquê que ele existe.

**Silvia Leblon:** Claro, você pode ter tudo e não fazer nada com o que tem. Você pode ter talento e desperdiçar, você pode nascer lá embaixo e conseguir... Tem as exceções, mas... deixa para lá, eu sou muito crítica, não consigo deixar de ser... Cresci lutando contra a ditadura, então eu tenho esse vício. Eu tenho dificuldade às vezes de enxergar o positivo, de usufruir, por isso que o palhaço me ajuda, porque eu sou muito crítica e vejo muita coisa errada; fico revoltada. Fui criada no medo. Entrei na faculdade em 1968, Colégio de Aplicação da USP em 1964, foi impossível não ter rebeldia, criada na resistência. Eu tenho esse vício de revolucionária, não me conformo e não acredito nesse sistema materialista, consumista. Hoje já admito que em qualquer lugar que a pessoa esteja, pode fazer as suas escolhas. Quando se tem vários filhos, não dá pra acreditar que se nasce como um livro em branco. [...] Tem um que nasce quase pronto, já sabendo tudo o que precisa e o que quer. [...] Outro tem maior dificuldade, você precisa cuidar, dar aquele apoio, vai devagar, no tempo dele, e o tempo dele não é dessa vida, é a eternidade. [...] O tempo não existe, exatamente.

Você consegue um passinho aqui e que ótimo! Aí dá dois... E não adianta ter pressa. Porque Deus não tem pressa.

**Mayara Sampaio:** E hoje, Silvia, como você está? Está feliz?

**Silvia Leblon:** Estou feliz, graças a Deus. Na luta, lutando agora com as limitações físicas, com a idade... tentando me conformar...que meu corpo não aguenta mais o que aguentava antes, a cabeça muito acelerada e o corpo não acompanha. Tentando me adaptar a essa nova fase, qual é meu limite, o que eu vou poder fazer.

**Mayara Sampaio:** Encontrando as novas funções, não é?

**Silvia Leblon:** Mas cada vez melhor! Quanto mais a gente sabe, mais a gente pode servir, mais a gente pode ser útil, mais a gente pode ajudar, mais a gente pode aprender, mais a gente sabe o que não sabe. Então eu acho maravilhosa a vida, você ir evoluindo e aprendendo, quando eu olho para trás e vejo o quanto eu já mudei, ainda bem, o quanto que eu aprendi, essa vida aqui para mim, minha filha! Se hoje eu passar para o outro lado... Já valeu! Eu fiz tanta coisa, aprendi tanto, tive filhos, tenho netos... Claro que eu quero ficar, acho que eu ainda posso fazer muita coisa... até ajudar, quem sabe? Às vezes eu estou vendo alguma coisa, mas vejo que não é o momento de falar, então a gente tem que aprender a guardar, ter paciência. Às vezes as pessoas também não querem aprender. [...] Hoje em dia estou aprendendo a aguentar as escolhas erradas. E ter essa humildade de saber que por mais que você saiba, o outro sabe alguma coisa que você não sabe. O seu julgamento não é perfeito, ninguém é capaz de ter julgamento perfeito, ninguém sobre a terra. E a gente julga, acha que sabe. Sabedoria não é estudo. [...] É o que o Paulo Freire apontou. Todos sabem alguma coisa. O pedreiro sabe do tijolo, você não sabe. O pedreiro sabe fazer um muro, e você não sabe. Então ele precisa valorizar o conhecimento dele. A gente tem que mostrar para as pessoas que elas têm conhecimento sim, e aproveitar o que cada um tem para dar e trocar. Assim é a vida.